

331631

PLATÃO E GADAMER

Nadja Hermann*

SÍNTESE – O texto aborda o modo como Gadamer articulou o pensamento de Platão na elaboração da hermenêutica filosófica, em especial o papel da dialética e do diálogo platônico.
PALAVRAS-CHAVE – Platão. Gadamer. Hermenêutica. Dialética platônica.

ABSTRACT – The text develops the articulation of Plato's thinking on the elaboration of a philosophical hermeneutics, particularly the role of platonic dialogue and dialectic.
KEY WORDS – Plato. Gadamer. Hermeneutics. Platonic dialectic.

Um discípulo permanente de Platão,¹ assim Hans-Georg Gadamer (1900-2002) se apresenta. Tal afirmação pode causar estranheza, uma vez que sua hermenêutica filosófica não é um modo exemplar de metafísica. Pelo contrário, sua teoria foi influenciada pela crítica heideggeriana à metafísica ocidental, em defesa da hermenêutica da facticidade e de um filosofar na finitude. Mas é justamente o espírito brilhante de Gadamer que nos ensina que a tarefa é filosofar com Platão, não criticá-lo² e que não se pode confundir Platão com platonismo. O objetivo desta breve apresentação é expor o modo como Gadamer articulou o pensamento de Platão para a elaboração de sua teoria, a partir de própria reflexão do autor sobre os mestres que marcaram sua trajetória intelectual. Por ser um filósofo longevo, o próprio Gadamer teve oportunidade de escrever sobre as vicissitudes e contingências que marcaram o caminho de sua construção teórica.

A hermenêutica filosófica de Gadamer surge da exigência de se contrapor a uma época que procurou conhecer seguindo apenas a racionalidade de procedimentos próprios das ciências naturais. Ou seja, o saber só teria validade quando atendesse às seguintes características: verificação empírica, estabelecimento de relação causal, eliminação de todo o pressuposto subjetivo e hostilização da historicidade. Só mais tarde, quando se instaurou a dúvida e a crítica radical à hegemonia avassaladora de uma racionalidade com tais características é que a cultura em sua totalidade se defrontou com a autolimitação do método científico para obter conhecimento. A desconfiança passou a questionar se nosso acesso ao

* Doutora. Professora da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
¹ GADAMER, H.G. *Hermeneuthik II: Wahrheit und Methode*, p. 506.
² *Idem, ibidem*, p. 501.

mundo poderia ser assegurado apenas por um tipo de procedimento. Encontrá-
mo-nos, assim, diante de uma profunda desconfiança quanto a um modo de co-
nhecer e saber que não negociasse com outras experiências como aquelas vividas
pela arte e pela consciência histórica.

A hermenêutica tem que desconstruir uma racionalidade que, colocada sob
limites estreitos, quer mais a certeza que a verdade. E mostra a impossibilidade de
reduzir a experiência da verdade a uma aplicação metódica, porque a verdade
encontra-se imersa na dinâmica do tempo. A hermenêutica reivindica dizer o
mundo a partir da finitude e historicidade, de onde emerge seu caráter interpreta-
tivo. Tem como preocupação central o pensar e o conhecer para a vida prática,
não apenas sob os critérios da medida, mas um saber que também se deixa inter-
rogar por outras experiências, como a experiência artística.

Esse modo de filosofar provém de uma longa tradição humanística, relaciona-
do à interpretação dos textos bíblicos, à jurisprudência e à filologia clássica. Trata-
se, segundo as palavras de Gadamer, de uma velha questão. Na acepção corrente,
refere-se à arte de extrair sentidos explícitos ou ocultos de textos religiosos, jurí-
dicos ou literários. Entretanto, para além dessa significação, a hermenêutica ressur-
ge como hermenêutica moderna no contexto da luta contra a pretensão de haver
um único caminho de acesso à verdade e quer demonstrar que não há mais con-
dições de manter o monismo metodológico, uma forma exclusiva para determinar
o espaço de produção do conhecimento. Desse modo, quer fazer valer o fenômeno
da compreensão diante da “pretensão de universalidade da metodologia científica”,
como precisamente observou Gadamer.

Embora as origens da hermenêutica sejam bastante recuadas no tempo, trata-
se de um modo de filosofar típico do século XX, que tematiza a compreensão da
experiência humana no mundo, um mundo que desde já se dá interpretado. Seu
problema central é a interpretação, um ato cultural que surge com as profundas
lutas espirituais do Renascimento, diretamente associado à criação do sujeito e à
produção do saber.

É nessa medida que a hermenêutica filosófica é uma racionalidade que conduz
à verdade pelas condições humanas do discurso e da linguagem. Nosso conheci-
mento tem raízes na prática das relações pré-científicas que mantemos com as
coisas e as pessoas. Isso significa que o saber mantém vínculos estreitos com o
mundo prático, antes que qualquer tematização. Estamos, assim, desde já inseridos
num mundo que constitui o horizonte sob o qual se realizam nossos processos com-
preensivos.

Gadamer se pergunta pelo que significa propriamente compreender: “Com-
preender não é, em todo o caso, estar de acordo com o que ou quem se *compreen-
de*. Tal igualdade seria utópica. Compreender significa que eu posso pensar e pon-
derar o que o outro pensa. Ele poderia ter razão com o que diz e com o que pro-
priamente quer dizer. Compreender não é, portanto, uma dominação do que nos
está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo”.³

³ GADAMER, H.G. *Da palavra ao conceito: a tarefa da hermenêutica enquanto filosofia*, p. 23.

A influência de Platão na hermenêutica filosófica gadameriana foi decisiva, revelada tanto na valorização da tradição e do clássico em nossa consciência histórica, como no papel específico da dialética platônica na estruturação da hermenêutica filosófica.

Para atingir o próprio reconhecimento teórico da experiência hermenêutica, é necessário ir adiante através do diálogo com Platão, não para renovar o platonismo, mas para situar-se além dos conceitos metafísicos cristalizados. Para Gadamer, não se pode ser cego diante da relevância filosófica da imaginação poética de Platão, e a própria hermenêutica exige a recuperação da herança socrática da “sabedoria humana” diante da pretendida infalibilidade do saber científico. “Faz parte da mais elementar experiência do trabalho filosófico” – diz Gadamer – “que, quando se tenta compreender os clássicos da filosofia, eles fazem valer uma pretensão de verdade que a consciência contemporânea não pode rejeitar nem passar por alto. A ingênua autoconfiança do presente pode muito bem se rebelar contra o fato de que a consciência filosófica instala sua possibilidade com o conhecimento que está por detrás de um Platão e Aristóteles, um Leibniz, Kant ou Hegel. [...] Mas com toda a segurança, o pensamento será muito mais débil se alguém se nega expor-se a esta prova e preferir fazer as coisas a seu modo e sem olhar para trás. Temos que admitir que na compreensão dos textos dos grandes pensadores se conhece uma verdade que não seria alcançável por outros caminhos, mesmo que isso contradiga o padrão da pesquisa e do progresso”.⁴

Essa afirmação é uma inequívoca defesa da consciência da determinação histórica (*wirkungsgeschichtliches Bewusstsein*) que faz com que uma obra adquira significação no diálogo com a tradição. A atualização da cultura humanista voltada para a formação do espírito livre fez de Gadamer um pensador fecundo, capaz de “lançar pontes”, na expressão de Habermas.⁵

No texto em que expõe sua própria trajetória intelectual e as contribuições mais importantes para a formulação da hermenêutica filosófica, Gadamer reconhece que Platão foi um centro em seus estudos.⁶ Os influxos do pensamento platônico aparecem desde os primeiros estudos, com o doutorado, em 1922, e o prosseguimento de suas pesquisas sobre a filosofia grega. Esses textos encontram-se nos volumes 5, 6 e 7 de sua obra reunida. No primeiro deles “*Platos dialektische Ethik*” (A ética dialética de Platão), faz uma interpretação fenomenológica do diálogo *Filebo*, mas, segundo o próprio autor, trata-se ainda de um começo *imatur*, que não faz justiça à força produtiva dos diálogos platônicos.

O convívio intelectual com Heidegger o leva a abandonar a construção idealista e neokantiana que defende a existência de problemas supratemporais, “eternos”. Passa então a fascinar-se com a possibilidade de reviver a filosofia grega, de um modo que as velhas questões não se reiteram em contextos sistemáticos, mas se transformam em verdadeiras perguntas quando são recuperadas à luz da historicidade. Desse modo, “Platão e Aristóteles apareciam como aliados a tudo o que havia

⁴ GADAMER, H.G. *Hermeneuthik I: Wahrheit und Methode*, p. 2.

⁵ HABERMAS, J. *Hans-Georg Gadamer: urbanização da província heideggeriana*, p. 74.

⁶ GADAMER, H.G. *Hermeneuthik I: Wahrheit und Methode*, p. 487.

mundo poderia ser assegurado apenas por um tipo de procedimento. Encontrávamo-nos, assim, diante de uma profunda desconfiança quanto a um modo de conhecer e saber que não negociasse com outras experiências como aquelas vividas pela arte e pela consciência histórica.

A hermenêutica tem que desconstruir uma racionalidade que, colocada sob limites estreitos, quer mais a certeza que a verdade. E mostra a impossibilidade de reduzir a experiência da verdade a uma aplicação metódica, porque a verdade encontra-se imersa na dinâmica do tempo. A hermenêutica reivindica dizer o mundo a partir da finitude e historicidade, de onde emerge seu caráter interpretativo. Tem como preocupação central o pensar e o conhecer para a vida prática, não apenas sob os critérios da medida, mas um saber que também se deixa interrogar por outras experiências, como a experiência artística.

Esse modo de filosofar provém de uma longa tradição humanística, relacionado à interpretação dos textos bíblicos, à jurisprudência e à filologia clássica. Trata-se, segundo as palavras de Gadamer, de uma velha questão. Na acepção corrente, refere-se à arte de extrair sentidos explícitos ou ocultos de textos religiosos, jurídicos ou literários. Entretanto, para além dessa significação, a hermenêutica ressurgiu como hermenêutica moderna no contexto da luta contra a pretensão de haver um único caminho de acesso à verdade e quer demonstrar que não há mais condições de manter o monismo metodológico, uma forma exclusiva para determinar o espaço de produção do conhecimento. Desse modo, quer fazer valer o fenômeno da compreensão diante da “pretensão de universalidade da metodologia científica”, como precisamente observou Gadamer.

Embora as origens da hermenêutica sejam bastante recuadas no tempo, trata-se de um modo de filosofar típico do século XX, que tematiza a compreensão da experiência humana no mundo, um mundo que desde já se dá interpretado. Seu problema central é a interpretação, um ato cultural que surge com as profundas lutas espirituais do Renascimento, diretamente associado à criação do sujeito e à produção do saber.

É nessa medida que a hermenêutica filosófica é uma racionalidade que conduz à verdade pelas condições humanas do discurso e da linguagem. Nosso conhecimento tem raízes na prática das relações pré-científicas que mantemos com as coisas e as pessoas. Isso significa que o saber mantém vínculos estreitos com o mundo prático, antes que qualquer tematização. Estamos, assim, desde já inseridos num mundo que constitui o horizonte sob o qual se realizam nossos processos compreensivos.

Gadamer se pergunta pelo que significa propriamente compreender: “Compreender não é, em todo o caso, estar de acordo com o que ou quem se *compreende*. Tal igualdade seria utópica. Compreender significa que eu posso pensar e ponderar o que o outro pensa. Ele poderia ter razão com o que diz e com o que propriamente quer dizer. Compreender não é, portanto, uma dominação do que nos está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo”.³

³ GADAMER, H.G. *Da palavra ao conceito: a tarefa da hermenêutica enquanto filosofia*, p. 23.

A influência de Platão na hermenêutica filosófica gadameriana foi decisiva, revelada tanto na valorização da tradição e do clássico em nossa consciência histórica, como no papel específico da dialética platônica na estruturação da hermenêutica filosófica.

Para atingir o próprio reconhecimento teórico da experiência hermenêutica, é necessário ir adiante através do diálogo com Platão, não para renovar o platonismo, mas para situar-se além dos conceitos metafísicos cristalizados. Para Gadamer, não se pode ser cego diante da relevância filosófica da imaginação poética de Platão, e a própria hermenêutica exige a recuperação da herança socrática da “sabedoria humana” diante da pretendida infalibilidade do saber científico. “Faz parte da mais elementar experiência do trabalho filosófico” – diz Gadamer – “que, quando se tenta compreender os clássicos da filosofia, eles fazem valer uma pretensão de verdade que a consciência contemporânea não pode rejeitar nem passar por alto. A ingênua autoconfiança do presente pode muito bem se rebelar contra o fato de que a consciência filosófica instala sua possibilidade com o conhecimento que está por detrás de um Platão e Aristóteles, um Leibniz, Kant ou Hegel. [...] Mas com toda a segurança, o pensamento será muito mais débil se alguém se nega expor-se a esta prova e preferir fazer as coisas a seu modo e sem olhar para trás. Temos que admitir que na compreensão dos textos dos grandes pensadores se conhece uma verdade que não seria alcançável por outros caminhos, mesmo que isso contradiga o padrão da pesquisa e do progresso”.⁴

Essa afirmação é uma inequívoca defesa da consciência da determinação histórica (*wirkungsgeschichtliches Bewusstsein*) que faz com que uma obra adquira significação no diálogo com a tradição. A atualização da cultura humanista voltada para a formação do espírito livre fez de Gadamer um pensador fecundo, capaz de “lançar pontes”, na expressão de Habermas.⁵

No texto em que expõe sua própria trajetória intelectual e as contribuições mais importantes para a formulação da hermenêutica filosófica, Gadamer reconhece que Platão foi um centro em seus estudos.⁶ Os influxos do pensamento platônico aparecem desde os primeiros estudos, com o doutorado, em 1922, e o prosseguimento de suas pesquisas sobre a filosofia grega. Esses textos encontram-se nos volumes 5, 6 e 7 de sua obra reunida. No primeiro deles “*Platos dialektische Ethik*” (A ética dialética de Platão), faz uma interpretação fenomenológica do diálogo *Filebo*, mas, segundo o próprio autor, trata-se ainda de um começo *imaturo*, que não faz justiça à força produtiva dos diálogos platônicos.

O convívio intelectual com Heidegger o leva a abandonar a construção idealista e neokantiana que defende a existência de problemas supratemporais, “eternos”. Passa então a fascinar-se com a possibilidade de reviver a filosofia grega, de um modo que as velhas questões não se reiteram em contextos sistemáticos, mas se transformam em verdadeiras perguntas quando são recuperadas à luz da historicidade. Desse modo, “Platão e Aristóteles apareciam como aliados a tudo o que havia

⁴ GADAMER, H.G. *Hermeneuthik I: Wahrheit und Methode*, p. 2.

⁵ HABERMAS, J. *Hans-Georg Gadamer: urbanização da província heideggeriana*, p. 74.

⁶ GADAMER, H.G. *Hermeneuthik I: Wahrheit und Methode*, p. 487.

perdido a fé nos jogos de sistemas da filosofia acadêmica, inclusive nesse sistema aberto de problemas, categorias e valores em que se orientava a investigação filosófica das essências ou a análise categorial baseada na história dos problemas. Os gregos nos ensinavam que o pensamento da filosofia não pode seguir a idéia sistemática de uma fundamentação última em um princípio supremo para poder dar conta da realidade, senão que leva sempre uma direção: recapacitando sobre a experiência originária do mundo, pensar até o fim a virtualidade conceitual e intuitiva da linguagem dentro da qual vivemos. Pareceu-me que o segredo do diálogo platônico consistia nesse ensinamento”.⁷ Ou seja, Gadamer passa a se interessar pela possibilidade de aprender dos gregos o próprio movimento do pensar.

Em diversos textos destaca a relevância dos diálogos platônicos e do retorno à tradição da filosofia grega como um modo necessário de nos protegermos da auto-compreensão técnica do conceito moderno de ciência. Os diálogos platônicos são verdadeiras obras literárias, em que há “tanto uma imitação da vida como uma fusão entre argumentação teórica e ação dramática”.⁸ Nesse sentido, destaca que o argumento mais consistente em *Fédon* para sustentar a imortalidade da alma “não é propriamente um argumento, mas o fato de que Sócrates mantém-se até o fim firme em suas convicções. O cenário próprio da narração desempenha o papel do argumento”. A freqüente intervenção de mitos nos diálogos platônicos é, para Gadamer, “o prolongamento da argumentação dialética numa direção em que não se dispõe de conceitos e argumentos lógicos”.⁹

Outro aspecto literário do diálogo platônico é a ignorância socrática, forma pela qual o interlocutor tem que enfrentar seu próprio não-saber. Gadamer cita a exemplar conclusão de *Lísis*, em que nenhum dos interlocutores obtém êxito em definir o que é amizade. Esta conclusão negativa é própria dos diálogos refutatórios¹⁰ e mostra que nem toda a intencionalidade é abrangida pela definição conceitual. Os grandes pensadores gregos como Platão preservaram a mobilidade da linguagem.

Gadamer destaca ainda, como força dos diálogos platônicos, o fato de os interlocutores se expressarem de uma maneira comum – utilizando-se de expressões como “sim”, “não”, “talvez”, “naturalmente” – o que indica que qualquer pessoa pode se reconhecer nesse tipo de modelo “vazio”.

Todas essas peculiaridades do diálogo levam Gadamer a conferir à dialética platônica uma decisiva contribuição na estruturação do processo de compreensão hermenêutica. Em outras palavras, Gadamer quer reabilitar o conteúdo objetivo da filosofia de Platão porque a tradição tem algo a nos ensinar para além da oposição entre compreensão do mundo moderna e metafísica.¹¹ Essa contribuição aparece em *Verdade e Método*, na qual o “modelo da dialética platônica” fundamenta a experiência hermenêutica. A abertura da experiência do compreender requer a dimensão de negatividade do saber que não se sabe, a *docta ignorantia* socrática.

⁷ *Idem, ibidem*, p.484.

⁸ GADAMER, H.G. *Leben und Seele*, p. 63.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 64

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 64.

¹¹ HABERMAS, J. *Op. cit.*, p. 79.

Para que a pergunta seja possível é necessário reconhecer que não se sabe. Destaca-se desse modo a importância da pergunta enquanto *abertura*, que não fixa as respostas; ao contrário, o perguntar consiste em “deixar a descoberto a questionabilidade do que se pergunta”. A pergunta que não tem essa abertura é uma pergunta aparente, como ocorre, muitas vezes, no processo pedagógico e retórico. Aí ela se transforma em um mera técnica, reduzindo suas possibilidades. Em vez de abrir-se, fecha-se no limite da resposta que já está sendo esperada.

A abertura, entretanto, encontra seu limite no horizonte em que se situa a pergunta; ou seja, nos pressupostos que a sustentam. As dúvidas sobre esses pressupostos deixam, por sua vez, a pergunta aberta. Portanto, é próprio da formulação da pergunta essa dualidade entre abertura e limitação.

Fazer perguntas é condição fundamental para saber, uma vez que elas contêm a oposição entre o sim e o não, atendendo à dialética do saber, que consiste em considerar o seu contrário. De Sócrates aprendemos que perguntar é mais difícil que responder, por isso seus diálogos seguem um caminho imprevisível. O que interessa sobretudo para a experiência hermenêutica é que, no diálogo, todos os envolvidos estão determinados pelo tema e o objetivo não é enfraquecer a posição do outro, como uma mera disputa, mas penetrar no tema e mostrar sua força, deixá-lo vir à luz.

O diálogo possibilita condições de reflexão sobre um entendimento ainda não disponível; ou seja, oportuniza aos participantes fazer uma auto-reflexão sobre seus próprios pontos de vista.

A primazia da pergunta para a essência do saber, diz Gadamer, aponta, de maneira mais originária, a inadequação do método científico, como a única forma de acesso à verdade. Não há um método para ensinar a perguntar e é justamente com Sócrates que se criam os pressupostos – o perguntar e o querer saber pressupõem um saber que não se sabe e as perguntas são conduzidas através da arte de desconcertar. O diálogo é impossibilitado se um dos participantes pressupõe uma tese superior, pois ele exige abertura ao outro, levando a sério suas posições.

A pergunta abre o horizonte do outro, conduz o participante do diálogo para fora de suas próprias reservas. Desse modo Gadamer quer acentuar o caráter aberto do diálogo, em que aprender a perguntar marca o próprio processo de compreender.

O impulso daquele que não aceita opiniões pré-estabelecidas é o que promove a pergunta, proveniente da negatividade da experiência. Isso ocorre porque, em determinados momentos, dado o tipo de experiência a que nos submetemos, a pergunta se impõe e não é mais possível nem iludir-se, nem permanecer nas opiniões prévias. Com esses aspectos, Gadamer destaca a singularidade da dialética platônica da pergunta e resposta frente a tudo o que se pode aprender e ensinar. Por isso ela não é arte de ganhar ou convencer os participantes pelo uso dos argumentos, mas é uma arte que só se manifesta naquele que sabe perguntar e que for capaz de manter em pé suas perguntas, isto é, manter sua “orientação aberta”. A verdadeira interrogação pressupõe abertura e, conseqüentemente, desconhecimento da resposta. A dialética entre pergunta e resposta desmobiliza a firmeza

das opiniões dominantes, pois põe a descoberto o que até então não havia surgido. A arte de perguntar, diz Gadamer, “é a arte de seguir perguntando e isto significa que é a arte de pensar. Chama-se dialética porque é a arte de conduzir um autêntica conversação”.¹²

O diálogo, que se realiza pela maiêutica socrática (o parto da palavra), faz aparecer a verdade do *lógos*, que não é a de nenhum dos interlocutores, pois se trata de uma verdade que não estava até então disponível. Ela aparece na arte de olhar juntos e produzir um novo conceito. A surpreendente atualidade dos diálogos platônicos surge pelas possibilidades extremas da razão e de sua verdade, contra as argumentações que pretendem por limites à vigência de sentido.¹³

Se Platão nos deu os fundamentos da metafísica de nossa tradição, diz Gadamer, “limitou por sua vez todos os enunciados pela via mimética e, como Sócrates soube desarmar com sua costumeira ironia a seus interlocutores, assim Platão neutraliza com a arte de sua criação dialogal a presumida superioridade do leitor”.¹⁴

Gadamer reconhece em Platão o pensador que reformulou a idéia de filosofia, atribuindo a Sócrates o papel de um verdadeiro filósofo, na medida em que levava os homens a um diálogo sem pausa, incansável, perguntando pelo bem, uma pergunta arquetípica que torna suportável a vida além das desgraças e das injustiças. Trata-se da valorização de um saber prático da vida, independente de toda a ciência. Por isso, para Gadamer, “a experiência hermenêutica chega na verdade tão distante como na disposição ao diálogo entre os seres racionais”.¹⁵ A possibilidade que o diálogo tem de trazer uma verdade que não é aquela obtida pelos procedimentos metódicos é uma recuperação da dialética platônica para a fundamentação do próprio processo de compreender. Nesse sentido, a dialética platônica foi decisiva na estruturação da hermenêutica filosófica e deixou marcas mais intensas que o idealismo alemão. A dialética que interessa a Gadamer é definida pelo próprio Platão como a arte de interrogar e responder. Num diálogo filosófico não deve sobressair o desejo de brilhar de um em relação a outro, mas a procura da verdade, onde as perguntas de um dos interlocutor leva o outro a esclarecer sua própria posição, sem que se chegue a uma síntese absoluta como seria na dialética hegeliana. O que importa na dialética de Gadamer é a possibilidade de abertura, evitando o risco do dogmatismo presente da reflexão dialética de Hegel.

A recuperação que Gadamer faz da dialética platônica para a hermenêutica filosófica é a idéia de movimento do pensamento, pois os textos da filosofia são contribuições para um diálogo constante através do tempo. Num diálogo interminável o que se aprende é mais que acúmulo de saber, o que fica é “a aprendizagem da modéstia”.¹⁶

¹² GADAMER, H.G. *Hermeneuthik I: Wahrheit und Methode*, p. 372.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 373.

¹⁴ GADAMER, H.G. *Hermeneuthik II: Wahrheit und Methode*, p. 501.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 466.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 505.

Ser capaz de diálogo filosófico é a aprendizagem que Gadamer faz de Platão. Richard Rorty, ao homenagear Gadamer por ocasião dos cem anos,¹⁷ acentuou a importância do diálogo na construção de uma nova cultura. Segundo o pensador norte-americano, uma cultura que leve adiante a idéia de Gadamer de uma conversa livre terá o benefício da fusão dos horizontes, em que o sucesso filosófico é medido por horizontes fundidos e não por soluções filosóficas. Ou seja, a postura filosófica de Gadamer não pressupõe a fixidez de nossos pontos de vista, mas uma possibilidade interpretativa posta em jogo. Diz Rorty:¹⁸ “Numa tal cultura, Gadamer seria visto como uma das figuras que ajudou a dar um sentido novo, mais literal, ao verso de Hölderlin: “Seit wir ein Gespräch sind...” (“Desde que somos um diálogo...”).

Referências

GADAMER, Hans-Georg. *Hermeneutik I: Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Gesammelte Werke 1. Tübingen: Mohr Siebeck, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermeneutik II: Wahrheit und Methode: Ergänzungen Register*. Gesammelte Werke 2. Tübingen: Mohr Siebeck, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. *Griechische Philosophie*. Gesammelte Werke 5. Tübingen: Mohr Siebeck, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. *Leben und Seele*. In: GADAMER, Hans-Georg. *Der Anfang der Philosophie*. Stuttgart: Philipp Reclam, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. Da palavra ao conceito, a tarefa da hermenêutica enquanto filosofia. In: ALMEIDA, Custódio Luis Silva de; FLICKINGER, Hans-Georg; ROHDEN, Luiz *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.13-26.

HABERMAS, Jürgen. Hans-Georg Gadamer: urbanização da província heideggeriana. In: HABERMAS, Jürgen. *Dialética e hermenêutica*. Trad. Álvaro Valls. Porto Alegre: L&PM, 1987.

RORTY, Richard. A utopia de Gadamer. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 de fevereiro de 2000. Caderno *Mais!*

¹⁷ Hans-Georg Gadamer nasceu em 11/02/1900 e faleceu em 14/03/2002. Seu centésimo aniversário foi comemorado em vários ambientes acadêmicos do mundo, em especial na Alemanha, quando foram publicadas obras alusivas ao centenário. Entre elas destaca-se *Hermeneutische Wege, Hans-Georg Gadamer zum Hundertsten*. Herausgegeben von Günter Figal, Jean Grondin und Dennis J. Schindt. Verlag Mohr Siebeck, 2000.

¹⁸ RORTY, R. A utopia de Gadamer, p. 14.